

Jesus Cristo no cume do trabalho e das atividades humanas

Este artigo explora a perspectiva fascinante da cristianização da sociedade, através da santificação do trabalho, tema tão abordado nos escritos de São Josemaria.

16/08/2018

“Esta tem sido a minha pregação constante desde 1928: urge cristianizar a sociedade”^[1], afirma São Josemaria numa homilia; e

pouco depois aponta o modo que propõe para alcançá-lo: “elevar à ordem da graça os afazeres diários, a profissão ou ofício”^[2]. Trata-se, com outras palavras, de santificar o trabalho. “Pelo trabalho” – escreve –, “o cristão submete o mundo criado (cf. *Gen* 1, 28) e o ordena a Cristo Jesus, centro em que estão destinadas a recapitular-se todas as coisas”^[3]. Abre-se aqui uma perspectiva fascinante, cuja origem se encontra num fato histórico que é preciso recordar para compreender o alcance da mensagem.

“Quando eu tiver sido levantado sobre a terra...”

O dia 7 de agosto de 1931 foi uma data memorável para São Josemaria. Muitas vezes ao longo da vida recordará que nesse dia o Senhor o fez ver com uma inusitada clareza uma característica do espírito que transmitia desde 1928. Compreendeu

que Jesus Cristo reinará no mundo porque, de alguma maneira, alguns cristãos o colocarão no fundo e no cume da sua atividade profissional, santificando o trabalho. Assim, Ele atrairá todos os homens e todas as coisas a si, e o seu Reino será uma realidade, porque a sociedade inteira – as pessoas, as instituições e os costumes – tecida pelos fios das diversas profissões, estará configurada cristãmente.

Essa mensagem ficou impressa na sua alma quando ele compreendeu, num sentido novo, as palavras do Senhor recolhidas em *Jo 12, 32* (segundo a Vulgata, usada então na liturgia): *Et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum – E eu, quando tiver sido levantado da terra, atrairei a mim todas as coisas.* Eis aqui uma das passagens em que se refere a esse momento:

Quando um dia, na quietude de uma igreja madrilena, eu me sentia... nada! – não digo pouco; pouco, ainda teria sido alguma coisa – pensava: Tu queres, Senhor, que faça toda esta maravilha? [...] E, lá no fundo da alma, entendi com um sentido novo, pleno, aquelas palavras da Escritura: Et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum. Entendi-o perfeitamente. O Senhor dizia-nos: se vós me puserdes nas entranhas de todas as atividades da terra, cumprindo o dever de cada momento, sendo meu testemunho naquilo que parece grande e naquilo que parece pequeno... então, omnia traham ad meipsum! Meu reino entre vós será uma realidade!^[4]—

As biografias de São Josemaria narram a profunda comoção que experimentou na alma ao receber essa luz^[5]—. As palavras de Jo 12, 32 –

esculpidas ao pé da sua imagem nos muros da Basílica de São Pedro, abençoada por Bento XVI em 14 de setembro de 2005 – recordam a importância deste acontecimento para a vida da Igreja.

Noutro lugar – escrevendo em terceira pessoa – o Fundador do Opus Dei explica o sentido que descobriu nesta passagem do Evangelho:

[Aquele sacerdote] entendeu claramente que, com o trabalho ordinário em todas as tarefas do mundo, era necessário reconciliar a terra com Deus, de modo que o profano – ainda sendo profano – se convertesse em sagrado, em consagrado a Deus, fim último de todas as coisas^[6].

Converter o profano em sagrado “ainda sendo profano” significa que uma atividade profissional – a medicina, a construção, a hotelaria, etc. – sem alterar a sua natureza e a

sua função na sociedade, com sua autonomia e suas leis próprias, pode se converter em oração, em diálogo com Deus, e assim ser santificada: purifica-se e eleva-se. Por isso afirma São Josemaria que:

A rigor, não se pode dizer que haja realidades profanas, uma vez que o Verbo se dignou assumir uma natureza humana íntegra e consagrar a terra com a sua presença e com o trabalho de suas mãos, porque foi desígnio do Pai reconciliar consigo, pacificando-as pelo sangue da Cruz, todas as coisas, tanto as da terra como as do céu (Col1, 20)^[7].

Quando fala de pôr o Senhor “nas entranhas” das atividades humanas, o Fundador do Opus Dei indica que essa transformação do profano em santo ou sagrado ocorre no mais íntimo da atividade. Com efeito, a essência dessa transformação é a

caridade, o amor sobrenatural, que informa e vivifica inteiramente aquilo que se faz:

Se nós, os homens, nos decidíssemos a albergar o amor de Deus em nossos corações! Cristo, Senhor Nosso, foi crucificado e, do alto da Cruz, redimiu o mundo, restabelecendo a paz entre Deus e os homens. Jesus Cristo recorda a todos: et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum (Jo 12, 32)^[8].

Várias vezes, em vez de dizer “nas entranhas”, São Josemaria escreve “no cume” ou “no cimo” das atividades humanas:

Se vós me colocardes no cume de todas as atividades da terra, cumprindo o dever de cada instante, dando testemunho de mim no que parece grande e no que parece pequeno, omnia traham ad meipsum, tudo atrairei

a mim. O meu reino entre vós será uma realidade!^[9]

“No cume” equivale a “nas entranhas”, pois dizer que o amor de Cristo vivifica uma atividade a partir das entranhas é como dizer que a preside do seu cume. Mas a expressão “no cume” ou “no cimo” acrescenta algo mais: indica que nessa atividade se deve ver a Cristo, pois:

Não se pode esconder uma cidade situada sobre uma montanha nem se acende uma luz para colocá-la debaixo do alqueire, mas sim para colocá-la sobre o candeeiro, a fim de que brilhe a todos os que estão em casa. Assim, brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus (Mt 5, 14-16).

Portanto, afirmar que o cristão tem de pôr Cristo no cume do seu trabalho significa que o amor com o

qual o realiza tem de se manifestar na relação com os outros, em atitude de entrega e de serviço. Com naturalidade, deve-se notar a caridade de Cristo na conduta dos seus discípulos, ao lado da competência profissional.

Cada cristão deve tornar Cristo presente entre os homens; deve viver de tal modo que à sua volta se perceba o *bonus odor Christi* (cf. 2 Cor 2, 15), o bom odor de Cristo; deve agir de tal modo que, através das ações do discípulo, se possa descobrir o rosto do Mestre^[10].

Há também outro sentido para a expressão “pôr Cristo no cume das atividades humanas”, que é consequência do que se disse antes. Quem faz seu trabalho por amor a Cristo e para que os homens, ao vê-lo, glorifiquem a Deus deve procurar realizá-lo o melhor possível também humanamente, com a maior

perfeição de que seja capaz: assim, põe Cristo no cume do seu trabalho. Isso não significa que tenha de ser o melhor nessa tarefa, mas sim que tem de se esforçar por levá-la a cabo com a maior perfeição humana que possa adquirir e pondo em prática as virtudes cristãs empapadas pelo amor a Deus. Pôr o Senhor no cume do próprio trabalho não quer dizer êxito terreno; é algo que está ao alcance de todos, não só de alguns particularmente dotados; é uma exigência pessoal: cada um tem de pôr Jesus Cristo no cume da sua atividade, ainda que humanamente não se destaque nela.

Almas de Eucaristia

No entanto, o sentido mais profundo deste “pôr Cristo no cume das atividades humanas” é o de unir o trabalho e todas as atividades retas à Santa Missa, cume da vida da Igreja e do cristão^[11]. Aí se encerram os

sentidos anteriores, porque unir o trabalho ao sacrifício de Cristo implica realizá-lo por amor e com a maior perfeição humana possível. Então o trabalho se converte em um ato de culto a Deus: se santifica por sua união com o Sacrifício do Altar, renovação ou atualização sacramental do sacrifício do Calvário, “converte-se em obra de Deus, *operatio Dei*, Opus Dei”^[12]. O sentido tradicional da expressão Opus Dei – que designa o ofício litúrgico – abre-se, nas palavras de São Josemaria, ao trabalho e a todas as atividades humanas. Essa expansão pede que o cristão seja “alma de Eucaristia” ao longo da sua jornada, porque só assim Cristo estará no cume da sua atividade.

Peçamos, pois, ao Senhor que nos conceda a graça de sermos almas de Eucaristia, que a nossa relação pessoal com Ele se traduza em alegria, em serenidade, em

propósitos de justiça. E assim facilitaremos aos outros a tarefa de reconhecerem Cristo, contribuiremos para colocá-lo no cume de todas as atividades humanas. Cumprir-se-á a promessa de Jesus: *Eu, quando for levantado sobre a terra, tudo atrairei a mim*^[13].

A Eucaristia edifica a Igreja porque reúne num só Corpo aqueles que participam dela: *Uma vez que há um único pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos nós comungamos do mesmo pão* (1 Cor 10, 17). A Eucaristia “é o cumprimento da promessa do primeiro dia da grande semana de Jesus: *Quando eu for levantado sobre a terra, atrairei todos a mim* (Jo 12, 32)”^[14]. Chega-se a entrever então o profundo significado que encerra o fato de que a luz recebida por São Josemaria sobre este texto lhe fosse dada precisamente “enquanto levantava a hóstia”^[15]: no momento

da consagração, na Santa Missa. Quando o cristão une seu trabalho ao sacrifício do Altar, esse trabalho santificado edifica a Igreja, porque torna presente a força unificadora da Eucaristia: a ação de Cristo que, pelo Espírito Santo, atrai todos os homens e todas as coisas a si.

O caminho que Deus quis mostrar a São Josemaria para que Cristo reinasse neste mundo é: que cada um pessoalmente procure santificar seu trabalho, pondo nele a Cruz de Cristo – ou seja, unindo-o ao Sacrifício do Calvário que se atualiza na Eucaristia – a fim de torná-lo fermento de vida cristã no meio do mundo. Um modo pouco vistoso de contribuir para o reinado de Cristo, mas portador da eficácia da promessa divina:

Se vós me puserdes nas entranhas de todas as atividades da terra, cumprindo o dever de cada momento, sendo meu testemunho

***naquilo que parece grande e
naquilo que parece pequeno...
então, omnia traham ad meipsum!
Meu reino entre vós será uma
realidade!***^[16]

Pôr Cristo no cume “de todas as atividades humanas” para que Ele reine não significa que o seu reinado será o resultado da influência humana de um grande número de cristãos agindo em todas as profissões. É o Senhor que atrairá a si todas as coisas, se um punhado de cristãos fiéis, homens e mulheres, procurarem ser autenticamente santos, cada um no seu lugar no meio do mundo. Não é uma questão de proporções humanas. O que São Josemaria entendeu é que a nós, cristãos, cabe colocar Cristo nas entranhas da nossa atividade – talvez de muito pouco relevo social – e que, se assim fizermos, Ele atrairá todas as coisas a si: não só aquelas que são

efeito do nosso limitado trabalho,
mas todas e em todo o mundo.

Estava claro que aquelas palavras
relatadas por São João – *et ego si
exaltatus fuero a terra, omnia traham
a meipsum* (Jo 12, 32) –, deviam ser
entendidas no sentido de que O
levantássemos, como Senhor, ao
cume de todas as atividades
humanas: que Ele atrairia tudo a si,
em seu reinado espiritual de amor^[17].

Reinado de Cristo e progresso temporal

Assim como querer que Cristo reine
na própria vida inclui buscar a
perfeição humana – mediante a
prática das virtudes informadas pela
caridade – querer também que Cristo
reine na sociedade exige buscar o
aperfeiçoamento desta: o bem
comum temporal, do qual o
progresso faz parte. Na realidade, o
bem da pessoa e o da sociedade não
são meramente paralelos, como se a

busca de um pudesse ser independente do outro. O que chamamos bem comum da sociedade é o bem das pessoas que a constituem. E, por sua vez, o bem das pessoas contribui para o bem comum da sociedade, sempre que este último seja entendido de modo integral. As condições da vida social que procuramos melhorar não se reduzem ao desenvolvimento econômico e ao bem-estar material, ainda que certamente o incluam. Também são, e antes – em sentido qualitativo, não no de urgência temporal, em que às vezes a preferência pode ser dos aspectos materiais –, a liberdade, a justiça, a moralidade, a paz, a cultura: tudo o que corresponde em primeiro lugar à dignidade da pessoa humana.

A sensibilidade de São Josemaria com relação a esse tema é muito aguda:

Compreende-se muito bem a impaciência, a angústia, os anseios inquietos daqueles que, com alma naturalmente cristã (cf. Tertuliano, Apologeticum, 17), não se resignam perante as situações de injustiça pessoal e social que o coração humano é capaz de criar. Tantos séculos de convivência entre os homens, e ainda tanto ódio, tanta destruição, tanto fanatismo acumulado em olhos que não querem ver e em corações que não querem amar.

Os bens da terra, repartidos entre poucos; os bens da cultura, encerrados em cenáculos. E, lá fora, fome de pão e de sabedoria; vidas humanas – que são santas, porque vêm de Deus – tratadas como simples coisas, como números de uma estatística. Compreendo e partilho dessa impaciência, levantando os olhos para Cristo, que continua a

convidar-nos a pôr em prática o mandamento novo do amor^[18].

“O progresso retamente ordenado é bom e Deus o quer”^[19]. A busca do progresso temporal ordenado ao reinado de Cristo é parte integrante da santificação do trabalho profissional. Porque a santificação do trabalho implica a elevação da própria realidade humana do trabalho à ordem da santidade.

“Humanamente o trabalho é fonte de progresso, de civilização e de bem-estar”^[20]. Por sua natureza, o trabalho humano é “meio imprescindível para o progresso da sociedade e o ordenamento cada vez mais justo das relações entre os homens”^[21]. Quem quiser santificar o trabalho não pode abrir mão dessa realidade. Necessariamente terá de aspirar ao progresso temporal, para ordená-lo a Deus. “Não é admissível pensar que, para sermos cristãos, seja preciso voltarmos as costas ao

mundo, sermos uns derrotistas da natureza humana”^[22].

Este progresso não é, no entanto, o fim último sobrenatural, nem a antecipação deste, porque nenhum bem terreno pode ser em si mesmo princípio de bens sobrenaturais. Isso não é tirar importância do progresso humano. É somente não o idolatrar. A sua busca é um fim subordinado à busca da santidade, ao fim último sobrenatural.

Quis o Senhor que, com a nossa vocação, manifestemos aquela visão otimista da criação, aquele amor ao mundo que pulsa no cristianismo. O entusiasmo não deve faltar nunca, nem em vosso trabalho, nem em vosso empenho por construir a cidade temporal. Ainda que, ao mesmo tempo, como discípulos de Cristo que crucificaram a carne com suas paixões e concupiscências (cf. Gal

5, 24), procurareis manter vivo o sentido do pecado e da reparaçãõ generosa, frente aos falsos otimismos daqueles que, inimigos da cruz de Cristo (Fil3, 18), calculam tudo em termos de progresso e energias humanas^[23].

^[1] Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, n. 210.

^[2] *Ibidem.*

^[3] São Josemaria Escrivá, *Carta*, 6.5.1945.

^[4] São Josemaria Escrivá, *Notas de uma meditação*, 27.10.1963.

^[5] Cf. A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, volume I, pág. 348 e segs.

[6] São Josemaria Escrivá, *Carta*, 9.1.1932, n. 2.

[7] São Josemaria Escrivá, *Carta*, 6.5.1945, n. 14.

[8] Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 183.

[9] *Ibidem*.

[10] *Idem*, n. 105.

[11] Cf. Concílio Vaticano II, Constituição dogmática *Lumen gentium*, n. 11; Constituição *Sacrosanctum Concilium*, 4.12.1963, n. 10.

[12] Josemaria Escrivá, *Entrevistas com Mons. Josemaria Escrivá*, n. 10.

[13] Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 156.

[14] Joseph Ratzinger, *La Iglesia, una comunidad siempre en camino*, Madri, 1991, pág. 125.

[15] São Josemaria Escrivá, *Carta*, 29.12.1947/14.2.1966, n. 89.

[16] São Josemaria Escrivá, *Notas de uma meditação*, 27.10.1963.

[17] São Josemaria Escrivá, *Carta*, 14.2.1944, n. 19.

[18] Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 111.

[19] *Idem*, n. 123.

[20] São Josemaria Escrivá, *Carta*, 31.5.1954, n. 17.

[21] Josemaria Escrivá, *Entrevistas com Mons. Josemaria Escrivá*, n. 10.

[22] Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 125.

[23] São Josemaria Escrivá, *Carta*, 9.1.1959, n. 19.

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
dev.opusdei.org/pt-br/article/jesus-
cristo-no-cume-do-trabalho-e-das-
atividades/](https://dev.opusdei.org/pt-br/article/jesus-cristo-no-cume-do-trabalho-e-das-atividades/) (08/08/2025)